



EDIÇÃO ESPECIAL natal 2021

Contos de Natal



ALGARVE: O 24

ANGRA: Ouvir o Natal outra vez

AVEIRO: O Anjo de Natal

BEJA: Os cânticos do Natal Alentejano

BRAGA: Um Natal bracarense

BRAGANÇA-MIRANDA: Ver para Crer

COIMBRA: Natal no Serviço de Urgência - Das mãos que sustentam aos olhos que afagam o coração

ÉVORA: Maltês*

FORÇAS ARMADAS E SEGURANÇA: Natal na República Centro Africana

FUNCHAL: A Senhora da Lapinha

GUARDA: O Carçoço da Maçã

LAMEGO: O Natal do capitão...

LEIRIA FÁTIMA: A vela

LISBOA: Do Natal obidense

PORTALEGRE-CASTELO BRANCO: Que as rabanadas lhe façam bom proveito!...

PORTO: Foi o primeiro Natal

SANTARÉM: As tradições de Natal

SETÚBAL: Um Conto de Natal

VIANA DO CASTELO: Demolhar

VILA REAL: A cidade d'el Rei

VISEU: O Natal da tradição beirão

ECCLESIA

Propriedade: Secretariado Nacional das Comunicações Sociais

Diretor: Paulo Rocha

Chefe de redação: Octávio Carmo

Redação: Carlos Borges, Henrique Matos, Lígia Silveira, Luís Filipe Santos, Sónia Neves

Grafismo: Manuel Costa

Secretariado Nacional das Comunicações Sociais

Diretor: Isabel Figueiredo

Secretária: Ana Gomes

Redação e Administração:

Quinta do Bom Pastor | Estrada da Buraca, 8-12 | 1549-025 LISBOA | Tel.: + (351) 218 855 472

Email: agencia@ecclesia.pt | web: www.agencia.ecclesia.pt

O acontecimento Natal emerge nas nossas sociedades naturalmente! Músicas, decorações e simbologias de ruas e aldeias remetem sempre para esse “sinal admirável”: o nascimento de Jesus, que inaugurou uma nova era na História.

Em cada tempo, há formas sempre novas de contar o acontecimento Natal. Com uma condição, para que seja Natal: não esconder as personagens principais. As outras, todas as outras, são sempre novas e sempre diferentes! Mas ligadas ao humanismo do Deus Menino, à sua humildade e universalidade.

Neste Natal, a Agência ECCLESIA e os responsáveis pelo setor das comunicações em cada Diocese de Portugal partilham 21 “Contos de Natal”. Uma forma de conhecer tradições e vivências do Natal, nas diferentes regiões, outrora ou agora.

Obrigado a todos os autores e a todos os leitores!

Natal Feliz!

0 24



Era dia 24. O único dia do ano que não precisava de ter o nome do mês para se saber qual era: aquele dia de dezembro era O 24.

O litão seco, antes peixe dos pobres, hoje iguaria comprada a bom preço, estava já de molho para ir para a panela, onde seria cozido e apresentado em molho branco; estava de molho o bacalhau para cozer com grão; e as carnes temperadas, para o dia seguinte.

A mesa já estava posta de festa. Tínhamos acrescentado um lugar. Um amigo, que ia traba-

lhar e não podia ir passar o Natal a casa, tinha acabado de ser quase obrigado a ir consoar connosco porque “Deus nos livre que saibamos que alguém passa a consoada sozinho e nós deixámos!”

E pela primeira vez no dia, consegui parar e olhar para os seus olhos. Os seus lindos olhos azuis. Sobre um estrado em degraus, vestido com a única toalha de linho do enxoval da nossa bisavó, passada à minha avó (e que um dia seria passada à minha mãe) encontrava-se, ao alto, um Menino em pé. Aquele era o Menino, o Nascido

naquela noite, ali já crescido e abençoando com o que viria a ser o sinal da nossa salvação, em anos por vir ainda tão distantes do brilho sereno daqueles lindos e infantis olhos azuis. À volta do Menino, em cada degrau, ornavam laranjas, vindas diretamente da “Praça da Verdura” e, em algo que parecia quase deslocado, uma lembrança de tempos amargos: searinhas crescentes dentro de latas de conserva de peixe.

E eu tornei a lembrar-me deste mesmo dia, mas há tantos anos, quando perguntei: “Avó, se temos taças de cristal, porquê latas de conserva?”. E mais uma vez, os olhos brilhantes e vívidos do Menino me acompanharam numa viagem no tempo...

“Sabes, Zé, as coisas nem sempre foram como são, filho... ainda te lembras de ver televisão a preto e branco? Pois, filho, a avó lembra-se de não haver televisão. A avó lembra-se do tempo da fome, em que o litão era o refugio do que não ia

para as fábricas e, muitas das vezes, nos contentávamos com as latas que tinham ficado presas na cravadeira e não podiam ser vendidas... e as tirávamos às escondidas para poder comer. E eram essas latas que usávamos para as searinhas, pedindo a abundância do Menino Jesus para nós...”

E esses tempos, de uma Olhão em que nunca vivi, mas que os sentia como se houvera, do qual existiam tantas memórias presentes na minha mente, voltavam. Tempos em que havia carestia, mas tempos em que se criou uma sensação de fraternidade que ainda hoje vive, numa ceia em que, Deus nos livre, ninguém passa sozinho.

Os olhos azuis sonhadores do Menino-Deus armado no trono olhavam para mim, carinhosamente... sim, eles nunca no-lo permitiriam acontecer...

Bruno Filipe da Cruz Alexandre



Ouvir o Natal outra vez

Que música ficou em mim? Estou sentado refasteladamente numa cadeira, saco vermelho enorme entre os joelhos. Desta vez, sou o Pai Natal da família. Afogeu de calor naquela noite fria, com as barbas brancas a picarem as faces, vou ouvindo aquele “I Wish You a Merry Christmas” sem sabor nem cheiro, enquanto os sobrinhos descobrem quem é o Pai Natal, porque o “oh-oh-oh” saiu demasiado meu. Vá lá que eles já não acreditam no Pai Natal, um dos mitos urbanos que mais angustiam os pais desta geração. Ao fundo, dois gordos perus presidem a uma mesa farta, farta de tudo. Ao meu lado ergue-se, branca e estilizada, a árvore de Natal, já com as luzes embutidas, brancas de neve como a árvore que cobre uma montanha de cubos vermelhos com laço dourado, a fingir que são prendas. Prendas, essas, são às

dezenas grandes, muitas para cada criança.

Que música ficou em mim? O gato é enxotado porque já se aproximava perigosamente da árvore, das suas bolas e das suas fitas, tudo a condizer artificialmente com tudo. O Natal é ingratamente igual em todo o mundo cristãmente rico. É o Natal americano, que invadiu o mercado e as gentes.

«Envolveu-O em panos e deitou-O numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria.» (Lc 2, 7). O Natal é o lugar onde não havia lugar para Jesus.

Olhando os meus irmãos, regresso a mais de quarenta anos atrás, ao nosso Natal, porque o Natal só é nosso quando fomos crianças. A primeira azáfama era a chegada da criptoméria, o nosso pinheirinho, com um cheiro tão único que ficava pela casa durante aquele mês inteiro. Do



Foto: Quiosque de Turismo- News ArtAzores



sótão desciam os caixotes com as figuras do presépio, barro tosco e pintado, as fitas, as luzes e as bolas, muitas delas vindas em sacos americanos, as prendas dos nossos emigrantes. Nos Açores, o Natal sempre teve o cheiro da saudade dos nossos emigrantes. No dia seguinte, pela manhã, frio de cortar, penetrávamos nos matos e nas clareiras, à procura de leivas, pedras e húmus para compor, religiosamente, a mais bela obra: o nosso presépio. As casas de cartão, que vinham para ser recortadas e coladas, representando as habitações populares portuguesas, ponteavam o cenário, onde não faltava a igreja, porque não se pode imaginar um Natal sem uma igreja. Já lá ponteavam os pratos de trigo a espigar em água. Ao cheiro da árvore, ao piscar das luzes e diante do presépio, rezávamos o terço do Menino Jesus e, pelo menos nessa altura, ninguém refileva. A consoada era bacalhau ou galinha, temperados com a missa do galo e a cama, naquela noite mais longa da vida. Púnhamos o sapatinho na chaminé, porque a primeira vez que vimos um Pai Natal já foi tarde, um Pai Natal insuflável que veio dos primos da América. Só lá para as duas ou três da manhã pregávamos o olho, tal era a excitação da espera, de ouvir os passos do Menino perto dos nossos sapatinhos. Adorava cantar a “Noite Feliz”.

Que música ficou em mim? Olho para a minha septuagenária mãe, sentada na cabeceira da mesa, matriarca doce e distraída. Recordo as recordações

dela, do seu Natal de há quase setenta anos atrás. Numa faia-do-norte eram pendurados postais de Natal dos anos quarenta e cinquenta, todos eles escritos com as saudades dos nossos, estampados com igrejinhas cobertas de neve ou grutas de Belém em noite estrelada. Laranjas e tangerinas inundavam a árvore e o presépio. Era esse o cheiro a Natal em tempos de minha mãe. Hoje o Natal não tem cheiro. Ou tem tantos que o nosso nariz nem alcança. Não havia prendas para ninguém e, à consoada, a canja de galinha marcava a diferença dos outros dias. À porta, noitinha dentro, batiam os “reizes”, que vinham cantar e degustar os figos passados e a aguardente que recebiam as visitas. Rezava-se. Cantava-se “Entrai, pastores, entrai por esse portal sagrado...”

Que música ficou em mim? Tenho esses três Natais dentro de mim. Apareceram as prendas, partiram as laranjas; apareceu o Pai Natal, partiu o Menino Jesus. O Natal é o lugar onde não há lugar para Jesus.

“É Natal. Nasceu o Deus Menino. O mundo que era grande tornou-se pequenino.” Ainda não sei que música ficou em mim.

José Júlio Rocha, Assistente diocesano da Comissão Justiça e Paz e do Movimento da Mensagem de Fátima, pároco em Porto Martins e Fonte do Bastardo (ilha Terceira) e professor de Teologia Moral no Seminário Episcopal de Angra

O Anjo de Natal

Passou-se há muito tempo. O milénio ainda não tinha dobrado. Os telemóveis eram raros e pesados. O euro era apenas um sonho sem nome. A internet dava os primeiros passos.

Na escola de teologia para leigos, eu explicava que a angelologia era o parente mais pobre da teologia no pós-Vaticano II. Nada de significativo se tinha escrito nas últimas décadas, dizia eu, apesar de um livro do maior teólogo católico, Karl Rahner, que tinha morrido uns dez anos antes. O próprio livro de Rahner era, sem dúvida um dos seus mais fraquinhos, porque ele, explicava eu na aula, sabia bem o que o seu conterrâneo Bultmann tinha dito: que não se posso acender a luz elétrica e ouvir rádio e acreditar ao mesmo tempo em anjos e demónios. A ciência, que é um dom de Deus, tive de sublinhar, destruiu as antigas doutrinas do diabo, dos anjos e dos demónios, que, aliás, eram secundárias na teologia cristã.

Uma aluna remexia-se na cadeira e a certa altura diz:

- Sr. Padre, se pensa que vou deixar de rezar ao meu anjo da guarda e que não ensino a oração aos meus filhos, está bem enganado.

Percebi logo que mais gente estava incomodada com as minhas explicações e adiantei que continuaríamos a falar de anjos e demónios depois das férias do Natal. Era a última aula antes do Natal e não queria que os meus alunos terminassem o período com um certo incómodo quanto às crenças recebidas – algo muito frequente quando se estuda teologia. Por isso, lancei uma última questão:

- Reparem bem. E se pensássemos nos anjos como funções de Deus? Lembrem-se dos anjos que aparecem na Bíblia?

Alguém desatou a dizer nomes de anjos, mas um homem que pela idade podia ser meu pai disse logo:

- Desses todos, só três interessam para a Bíblia: Gabriel, Rafael e Miguel.

- Obrigado, disse eu ao senhor que mais tarde viria a ser diácono permanente e acrescentei:

- E qual a função de Gabriel?

Quase responderam em coro que era “anunciar”. Sugeri então que reparassem nos anjos que seriam referidos na liturgia por esses dias e nas suas funções, desejei Bom Natal e concluímos a aula. Uma das alunas ainda me disse, quando já todos saíam:

- Hoje estava para faltar à aula porque queria ir ver como é o centro comercial, mas ainda bem que não faltei. Sempre me interessou esta questão dos anjos, embora nem saiba bem em que pensar. Ou melhor, em que acreditar. E também me intriga porque é que os anjos são sempre representados como jovens. Não há anjos velhos?

Fiquei contente com a partilha e a pergunta. Porque é que não há anjos velhos? Porque é que os anjos são sempre jovens? Serão um reflexo da eterna novidade de Deus? Por esses dias tinha aberto um grande espaço comercial no centro da cidade de Aveiro e quase só se falava disso. Toda a gente queria visitar o centro que comercial que não era como os outros, porque as lojas tinham abertura para o ar livre. Era natural que os alunos da escola de leigos, vindos de várias partes da Diocese, quisessem dar um pulinho ao Fórum.

A escola de teologia para leigos e agentes pastorais funcionava numa sala anexa ao Centro Universitário, pelo que, depois das aulas, que eram em período pós-laboral, costumava tomar



um café ou comer qualquer coisa no bar frequentado por jovens universitários. Num das mesas, quatro jovens conversavam com entusiasmo sobre tecnologias. Eram estudantes ou investigadores de Eletrónica e Telecomunicações. Um deles chamou-me para me juntar à conversa.

- Venha cá, sr. Padre, veja se anima o Zé, que está triste como a noite.

Todos se riram com a descrição que hoje poderia ser tomada como racista. O Zé era angolano, casado, com filhos, e estava mesmo triste. Uma tristeza de saudades da família. De saber que pas-

saria o Natal longe dos seus e do seu país. Com bolsa do seu país, fazia um mestrado ou talvez uma pós-graduação em telecomunicações com emprego garantido numa empresa angolana de telecomunicações.

Sugeri ao Zé que não passasse o Natal sozinho. Aliás, estava afixado no placard do Centro Universitário um convite para a Ceia de Natal dos alunos estrangeiros ou sozinhos da academia aveirense. A ceia do ano anterior tinha-se tornado famosa porque o diretor do Centro Universitário Fé e Cultura, que era padre e professor de Música



na Universidade de Aveiro, sentado ao piano, ia perguntando aos alunos de onde eram e logo tocava de improviso uma melodia do seu país. Um sucesso de acolhimento e boa disposição.

A conversa dos alunos retomou o assunto das tecnologias. Um deles partilhou que fazia parte de um projeto de uma espécie de “páginas amarelas da internet”, um serviço para saber o que se podia encontrar na grande teia, que “estava a crescer exponencialmente”, “sem ninguém mandar nela”, uma “anarquia saudável”, “sem centros nem poderes”. Tudo expressões da conversa.

- Chama-se Serviço de Apontadores Portugueses. SAP. Mas um colega meu diz que é preciso

acrescentar “Online” para ficar SAPO, disse o universitário.

Fiquei fascinado com o assunto e conversamos mais um pouco pela noite dentro. Fiquei a saber que na Universidade havia uma sala onde alguns alunos chegavam a passar duas, três, cinco e até dez horas seguidas a “conversar online” com qualquer outra pessoa que tanto podia estar na cadeira ou lado como no outro lado do mundo.

A conversa não terminou sem um dos estudantes me perguntar algo que, no contexto do dia e da aula, foi uma estranha coincidência:

- Há padroeiros para tudo, não há?

- Sim, há santos padroeiros para quase tudo.

Mas não pense que os sei de cor. Talvez encontre alguma lista de padroeiros nessa coisa da internet...

- Quem é o padroeiro das telecomunicações?

- Ah... por acaso, não é um santo. É um anjo, Gabriel – disse eu.

Pensando na aula anterior, reparei que, perante estudantes de ciências religiosas, tinha dado a entender que essa coisa dos anjos estava ultrapassada. E agora, diante de especialistas em tecnologias, estava a afirmar a ação de um anjo. Será que os anjos desapareceram com a luz elétrica e a rádio e regressam com a internet?

A conversa terminou pouco depois, o grupo dispersou-se e, quando eu abandonava o Centro Universitário, alguém corre no meu encalço. Era o Zé.

- Então, Zé. O que se passa? Vai à ceia de Natal do Centro Universitário, não vai?

- Sim, vou, como lhe prometi. Estou triste por estar sozinho cá, mas ainda mais por não ter notícias da minha família.

Explicou-me então que já não via a mulher e os três filhos há mais de três meses. De quinze em quinze dias telefonava. Mas nem sempre as comunicações funcionavam. “Está a ver porque é que o meu país precisa de técnicos de telecomunicações, não está? – disse-me a certa altura da conversa. E explicou-me ainda que telefonar era muito caro e que a bolsa nem sempre chegava a horas. Não era preciso ser muito perspicaz para perceber o que se passava:

- Você não tem dinheiro para telefonar à sua família, não é?

- Isso mesmo.

- Tome lá. Telefone à vontade e se conseguir enviar uma pequena prenda aos seus filhos... - Não completei a frase, interrompido pelo agradecimento por eu lhe ter dado dois mil escudos.

Chegou o dia de Natal. Numa paróquia dos subúrbios da cidade de Aveiro, a celebração estava cheia. No meio da assembleia de rostos conheci-

dos, uma idosa de cabelos muito brancos. Parecia-me muito feliz e fiquei surpreendido quando, no final da celebração, foi ter comigo à sacristia. Nunca a tinha visto por ali.

- Sr. Padre, hoje é um dia muito feliz para mim. Um novo natal, um dia de ressurreição!

- Sim, disse eu, pensando que a Encarnação do Natal tem em vista a Ressurreição da Páscoa, mas não deveria ser esse o ponto.

- Sabe, hoje o meu neto já passou o Natal em casa. Esteve no hospital, às portas da morte, quase morria estrangulado na janela do jipe novo do meu filho. Mas recuperou como que por milagre. Toda a família está feliz.

Dito isto, a senhora pôs-me qualquer coisa no bolso do casaco que eu estava a vestir depois de me desparamentar e saiu da sacristia.

Ao chegar a casa, pus a mão no bolso para ver o que a senhora lá tinha posto. Encontrei uma nota de dois mil escudos. A nota que eu tinha dado para alegrar o Natal de alguém que estava longe da sua família regressara por meio de alguém que tinha visto a alegria regressar à sua família.

No domingo seguinte, Dia da Sagrada Família, regressando à mesma comunidade, esperava ver a senhora para lhe agradecer o dinheiro. Não estava lá. No final da missa, perguntei a três ou quatro pessoas se conheciam a senhora idosa que me tinha vindo falar no dia de Natal. Ninguém a conhecia. Ninguém sabia de nada. Fiquei perplexo. Só me vinha à cabeça este pensamento:

- Há anjos, sim. E podem ser velhos.

Jorge Pires Ferreira

Os cânticos do Natal Alentejano

Como é sabido, o *cante* tem duas vertentes: a profana e a religiosa. Uma e outra se completam, porque são duas dimensões da mesma alma do povo alentejano.

Os alentejanos sempre usaram o seu cante para se relacionarem com Deus, para rezar. Provam-no os numerosos cânticos populares religiosos recolhidos por todo o Baixo Alentejo, de que se destacam os cânticos do ciclo do Natal e da Quaresma/Paixão, os cânticos aos Santos Populares e a Nossa Senhora e também as preces para pedir a Deus a graça da chuva.

Hoje vem muito a propósito falar do **ciclo do Natal**, com os cânticos do Deus Menino, das Janeiras e dos Reis Magos. Este repertório é certamente o mais rico de toda a tradição da música popular religiosa do Baixo Alentejo. São muitas as localidades onde, nas recolhas feitas por mim próprio e pelo P. Aparício entre 1978 e 1982, e não só, encontramos este tríptico completo, verificando também que são esses os cânticos que mais resistiram à erosão do tempo. Essa constatação era já assinada em finais do séc. XIX: “*O que ainda subsiste apesar da sua origem secular - tão secular como a do Presépio - é o costume dos descantes ao Deus Menino, às Janeiras e aos Reis*” (Dias Nunes, in *A Tradição* de Serpa, Jan^o de 1899).

Deste vastíssimo repertório encontramos **cantos ao Deus Menino** em S. Matias, Cabeça Gorda, Beringel, Trigaches, Trindade, Baleizão, Vidigueira, Selmes, Cuba, Vila Alva, Peroguarda, Pias, Aldeia Nova de S. Bento, Serpa, Brinches, A-do-Pinto, Vila Verde de Ficalho, Safara, Santo Aleixo da Restauração, Aljustrel, Messejana, S. Marcos da Ataboeira, etc. E também os **cantos dos Reis e das Janeiras** em muitas localidades do Baixo Alentejo.

Tudo verdadeiros tesouros da cultura alentejana que os filhos desta terra, mesmo longe dela, ainda conservam no coração, graças a essa recolha que os salvou do esquecimento. Hoje, quarenta anos depois, felizmente, esses tesouros estão recuperados e voltam a ecoar nas celebrações litúrgicas das Igrejas do Alentejo, nas noites de “Cante ao Menino” promovidas pelos grupos corais alentejanos (até na zona da Grande Lisboa), nos serões familiares e à volta da fogueira de Natal.

São, em geral, cânticos muito melismáticos, isto é, muito mais ornamentados em relação à generalidade dos restantes e, por isso, de difícil execução, cantados em família, à volta do madeiro, ou na Igreja, com letra diversificada e variada. O texto é sempre repassado de emoção, assombro, ternura, admiração e fé. Ainda no domingo passado fiz um concerto de Natal com o Coro do Carmo de Beja na Salvada, aqui bem perto de Beja. Preparámos de propósito um canto dos Reis que outrora se cantou naquela localidade e também noutras terras do concelho de Beja. Ao fim perguntei: - Alguém reconheceu este cântico? Alguém se lembra dele? Uma jovem senhora respondeu: - Eu estou toda emocionada e já chorei. Este cântico cantava-o sempre a minha avó na noite de Natal! Aprendi-o com ela...

Voltando ao texto, gostaria de pôr em relevo a linguagem fortemente poética, teológica e bíblica de alguns deles. Por exemplo, o **Menino de Pias** tem este pequeno Refrão:

Ponde em nós os vossos olhos, / misericórdia, amor!

Não conheço nada de semelhante nos cantos natalícios de outras regiões. Pede-se a Jesus para olhar para nós, chamando-Lhe “misericórdia e



amor”. Este cântico foi-me transmitido por um pastor, em Pias, na década de 80 do séc. XX. Quem ensinou o povo crente do Alentejo a rezar desta maneira? Nesta linguagem há ressonâncias do Salmo 145, 8 e Ef 2, 4, que falam de Deus “rico de misericórdia”, e de Jo 4, 16, que nos dá a mais bela definição de Deus: “Deus é amor”.

Em **S. Matias**, concelho de Beja, com uma música completamente diferente e o texto das estrofes também muito diferente, canta-se um Refrão semelhante. Assim:

Vossos olhos / de misericórdia, amor!

Repare-se que a frase está incompleta, não tem verbo. O crente, como que atónito e surpreendido

pela grandeza do mistério do Verbo encarnado, quase não tem palavras para se exprimir: contempla extasiado e balbucia apenas o essencial. Há aqui algo que quase se pode comparar ao *jubilus* de que fala S. Agostinho, no seu comentário sobre os Salmos: “aquela melodia que traduz a incapacidade de exprimir por palavras o que sente o coração”. Neste caso do cântico ao Deus Menino, de S. Matias, não é bem isso, mas é quase: não são necessárias muitas palavras para exprimir o que sente o coração. Só as mínimas. O povo crente do Alentejo tem destas coisas.

P. António Cartageno

Um Natal bracarense

O Natal é efetivamente um tempo especial. Apesar das suas raízes pagãs, associadas à celebração do solstício de Inverno, esta quadra pretende memorar o nascimento de Jesus Cristo. Se o próprio Deus se fez tão pequeno e frágil, cada um de nós deve recordar-se – pelo menos uma vez no ano – do quanto precisa dos outros para viver e, procurando a paz, encontrar a felicidade que tanto ambiciona. Independentemente da maior ou menor crença, todos partilham este espírito de aproximação com os demais. As famílias juntam-se, esquecendo muitas vezes os conflitos surgidos durante o ano. Os amigos voltam a encontrar-se. As pessoas desavindas fazem, muitas vezes, as pazes. Por vezes esta é a única época do ano em que nos lembramos daqueles que experimentam a carência, multiplicando-se as ações de solidariedade. Ou seja, estamos diante de um período do calendário que nos aproxima uns dos outros, quebrando barreiras e tornando a nossa vida um lugar melhor.

O Natal na Arquidiocese de Braga cumpre as cadências das demais localidades do Entre-Douro-Minho. As famílias juntam-se à volta da mesa, mesmo aqueles que trabalham longe da sua terra regressam para passar esta quadra junto dos seus. O frio que se faz sentir lá fora contrasta com o calor do fogão e das conversas que preenche o cenário no interior das casas. No canto da sala não falta o célebre pinheiro de Natal, tradição importada da Baviera pelo rei-consorte Fernando de Saxe-Coburg-Gotha, marido da nossa D.^a Maria II, e que por cá se enraizou com celeridade. O que não costuma faltar numa casa bracarense é o presépio. Com mais ou menos figuras, lá está o Menino Jesus, entre Maria e José, junto do burro



Presépio esculpido em cera, do retábulo de Nossa Senhora das Dores da Basílica dos Congregados, em Braga.

e da vaquinha, a lembrar que o Natal é uma festa cristã. Em muitas casas apenas se coloca a imagem do Menino Jesus no presépio depois da meia-noite de 25 de dezembro, ficando o presépio até essa data desprovido da sua figura principal.

Onde o Natal bracarense do passado mais se assemelha à atualidade é na mesa. As famílias esforçavam-se para que nunca faltasse o bacalhau na consoada, fazendo, por vezes, grandes sacrifícios para o comprar. As batatas e couves, que faziam o acompanhamento, eram muitas vezes cultivadas nos seus quintais. Por isso mesmo, o prato principal da consoada bracarense é, ainda hoje, o bacalhau cozido com legumes, depois regados com azeite. No Entre-Douro-e-Minho também ainda é comum fazer-se acompanhar a mesa da consoada

com arroz de polvo, um molusco que nunca faltou no Noroeste peninsular e que continua a marcar a gastronomia natalícia. Depois vinham os doces...e aquele inconfundível perfume a canela. As rabinadas, a aletria, os tradicionais mexidos (também designados de formigos) e o bolo-rei nunca faltam na mesa minhota.

Para muitos, a noite jamais pode terminar sem a deslocação até ao templo mais próximo para celebrar a Missa do Galo, que culminava com o beijar do Menino, tradição que ainda hoje se mantém. Sendo certo que nem todas as famílias alimentavam este costume religioso, era mais generalizado o hábito de oferecer presentes às crianças. O Menino Jesus, mais tarde superado pelo Pai Natal, deixava no sapatinho colocado no fogão ou junto da chaminé o seu presente. Fosse uma famí-

lia mais abastada ou uma família de mais poucos recursos, geralmente não faltava o presente no sapatinho das crianças da casa. Enquanto faziam horas para a meia-noite, os garotos divertiam-se a jogar ao rapa, dando uso aos pinhões que se tiravam das pinhas.

No dia seguinte, o Natal propriamente dito, dormia-se até mais tarde. Estreava-se roupa nova – aqueles que podiam – e voltava a família a juntar-se para o almoço. Durante o resto do dia era comum visitar-se os presépios movimentados que abundavam nas freguesias. Mais recentemente também o Presépio Vivo de Priscos e a Aldeia dos Presépios em Garfe almejavam lugar no Natal bracarense.

Rui Ferreira



Cena do nascimento de Cristo no Presépio Vivo de Priscos.



Aldeia dos Presépios em Garfe, Póvoa de Lanhoso.



Perspetiva do centro histórico da cidade de Braga durante a quadra natalícia [Foto: Município de Braga]



Presépio movimentado da paróquia de São Mamede d'Este.

Ver para Crer

Naquela manhã, o pingue, pingue da chuva que batia nas vidraças era abafado pela melodia harmoniosa da gaita-de-foles que dava a alvorada pelas ruas de Rebordelo.

Enquanto na maior parte das casas se iniciavam os preparativos para a festa do nascimento de Cristo, o Natal, em casa da pequena Sara faziam-se alheiras que haviam de curar ao fumo, pendentes dos lareiros, por cima do lume.

Não eram alheiras iguais às da maior parte das casas da região. A mãe de Sara já tinha cortado o pão, em finas fatias, acrescentado alho e colorau, faltando apenas juntar as carnes; galinha e ou-

tras aves, pois carne de porco não era permitida naquela casa.

Esta seria a única forma que tinham para mostrar ao resto do povo que também comiam fumeiro. Assim, ninguém desconfiaria que se tratava de mais uma família judaica que, como tantas outras, em Rebordelo tinha procurado refúgio e que todos os dias rezava a antiga oração:

“Diante de bos sr
venho a empesar e rezar
Meu Deus me dai Aucillio
Pa ra bos Louvar em grandecer
em Nome do sr Adonai Amem.”*

Estariam, dessa forma, a salvo do terrível tribunal do Santo Ofício, a Inquisição, que prendia todos aqueles que demonstrassem professar outra religião que não fosse a cristã. Muitos amigos e familiares seus já tinham sido levados e julgados.

Como era dia de fumeiro em casa da Sara, também ninguém iria estranhar não participarem na festa das Varas e na Encamisada, que acontecia dias 25 e 26, até porque ela dizia às amigas que tinha medo dos caretos e das suas assustadoras máscaras de couro com os olhos arregalados, e daqueles fatos, de chita ou seda, às cores, cheios de franjas, guizos e campainhas.

Assim como a Festa de Santo Estêvão, também o Ramo, que decorria nesse dia, lhes era proibido. Nele se representava o Ato da Criação, razão pela qual também não iriam assistir



* Do manuscrito de Rebordelo, “Libro de Oraçõins ao Alticimo Deos todo Pedrozo”: escrito na primeira metade do século xrx, pertença da família de Abraão Gaspar.

à encenação feita pelos habitantes da povoação.

Durante a tarde, o pai de Sara, o Sr. Josué Abraão, tinha-lhe pedido para que o acompanhasse a uma propriedade que possuíam, a cerca de 1 quilómetro da aldeia, onde trazia um rebanho a pastar. Era precisamente junto a uma fraga na qual se viam as marcas de umas ferraduras gravadas e onde o povo andava a erguer uma pequena capela.

Contava-se que uma pastori- nha da aldeia ali teria visto Nossa Senhora a cavalo numa burrinha, a quem teria dito ser a Nossa Se- nhora da Penha. Tinha-lhe pedido para que as pessoas de Rebordelo rezassem por ela naquele local. E um fio de água que havia feito brotar de entre as pedras, tornado numa fonte de água milagrosa, iria curar as maleitas que assolassem a população.

Chegados ao local, enquanto o Sr. Josué recolhia o gado para dentro da corriça, onde pernoitaria e ficaria protegido do frio e dos ataques dos ferozes e famintos lobos, a Sara sentou-se num pe- queno tronco, revestido de musgo esverdeado, que ali se encontrava caído.

Pouco depois, o som de umas ferraduras a tocar as pedras do chão denunciava o aproximar de um cavalo, despertando a atenção da rapariga.

A pequena Sara foi então sur- preendida por uma burrinha que surgiu à sua frente e que, no seu



dorso, transportava uma Senhora, coberta por um grande manto brilhante como o sol.

Imóvel, Sara não desviou os olhos daquela linda Senhora, que nunca tinha visto, surgida do meio do nada.

Abrandando a marcha, a burrinha passou ao seu lado. A Senhora dirigiu o olhar para Sara, esboçando um leve e ternurento sorriso. Continuaram e, poucos metros à frente, ao chegar junto de um rochedo, uma qualquer estranha magia abriu a fraga ao meio e desapareceram, misteriosamente, no seu interior. Sara permanecia imóvel e assustada com a cena que acabara de presenciar.

Tudo tinha acontecido tão rapidamente que nem tempo ou reação tivera para chamar pelo seu pai, que se encontrava dentro da corriça.

Quando lhe contou o que tinha acabado de acontecer ele mal queria acreditar. Mas o Sr. Josué não tinha a filha por mentirosa, aliás, tinha plena confiança nela. E o povo todo falava da tal Senhora que tinha aparecido à pastorinha. E as tais marcas das ferraduras eram verdadeiras. Ali estavam, bem gravadas naquela fraga!

Regressaram imediatamente a casa para contar à mãe de Sara aquele episódio que tinha tanto de fascinante como de perturbador.

Afinal a história da pastorinha, das ferraduras e da burrinha era real. A Sara também tinha visto a





Senhora com os seus próprios olhos!

O acontecimento marcou profundamente a família da Sara, e, nesse mesmo dia, o seu pai decidiu juntar -se à população para auxiliar na construção da pequena capela, dedicada à Nossa Senhora da Penha. Ali se passariam a celebrar missas regularmente e, no dia 15 de agosto, havia uma grande festa em sua honra.

A partir daquele dia, sem que a população alguma vez tivesse desconfiado do contrário, Sara e a sua família converteram-se, tornando-se nos mais recentes cristãos de Rebordelo.

Conto de Rebordelo (Vinhais), Unidade Pastoral Senhora da Encarnação, da autoria de Roberto Afonso in "Contos e Lendas Transmontanos / Vinhais".

Desenhos: David Fernandes, Guilherme Fernandes, Leonor Guedes, Manuel Inácio, Rafael Pereira, Renata Dias, Tomás Morais e Vítor Borges.



Natal no Serviço de Urgência

Das mãos que sustentam aos olhos que afagam o coração

É noite de Natal, família ainda reunida à volta da mesa, está na hora do próximo turno. Despedidas à pressa, lágrima no canto do olho, guardo o calor dos abraços apertados e as vozes alegres dos meus filhos que correm até à porta: feliz Natal mamã!

Na rua o frio corta, entro noutra dimensão. No silêncio da noite entrego-me a Cristo e peço-Lhe: ajuda-me a não errar, a ver em cada pessoa doente o Teu rosto, a amar como só Tu sabes amar.

Farda vestida, pronta para a missão! Pouco depois soa o alarme da sala de emergência, acaba de entrar uma doente em falência cardíaca grave, com risco de vida. Focados no essencial, iniciámos de imediato todas as manobras de suporte e estabilização clínica.

Logo que possível, falei com a filha que aguardava angustiada. Contou-me que a mãe já se sentia cansada há alguns dias, mas tinha feito questão de preparar a ceia de Natal para a família, em especial para os seus dois netos. Apesar das incertezas, procurei transmitir-lhe toda a informação com verdade, serenidade e empatia, tentando manter a luz da esperança.

Algum tempo mais tarde, os olhos esbugalhados de aflição deram lugar a um olhar azul profundo, o ritmo cardíaco tornou-se regular, a respiração tranquila, perfeitamente adaptada ao ventilador. Feliz, peguei na mão da minha doente e disse-lhe que estava a melhorar, o pior já teria passado. Sem poder falar, deixou cair uma lágrima, apertou a minha mão, e assim permanecemos, olhos nos olhos, coração a coração, numa sintonia de contemplação perfeita. Jesus nasceu nos nossos





corações! Chorei de alegria e emoção, senti Jesus naquela sala fria, no meio de monitores, ventiladores e cateteres. Uma sala sagrada onde todos os dias lutamos até à exaustão por tantas vidas presas por um fio. Neste momento de contemplação, sinto a confirmação da minha missão - cuidar, amar e servir a pessoa doente.

Entro na sala grande ao lado, cheia de macas, e fico de coração apertado. Nesta noite permanecem na urgência apenas os doentes mais graves, sinto o olhar perdido de solidões abandonadas e tantas vidas que já não vislumbram a vida.

Num segundo olhar, emergem anjos vestidos de farda esfarrapada e chinelos nos pés, numa azáfama para a todos dar conforto, ternura e esperança. Médicos, Enfermeiros, Técnicos auxiliares de diagnóstico, Auxiliares de ação médica e Secretários - gente simples, que se entrega de corpo e alma ao serviço do próximo. Gente que suja as mãos, toca a dor, deixa-se ferir interiormente pelo sofrimento de pessoas com rosto, com história e com família como nós. Em cada gesto de cuidado e carinho, são testemunhas do amor e sinal da

presença de Deus para cada doente.

Nesta noite de solidão nos hospitais, os profissionais são muitas vezes “as únicas mãos que sustentam a alma”, o único e, por vezes, o último olhar profundo de compaixão, de conforto emocional e espiritual para muitos doentes.

Porque amor a Deus e amor ao próximo são expressões de um único Amor, tenho diante de mim a mais perfeita das orações. Oração feita de encontro, entrega, compaixão, em cada toque, em cada olhar profundo, em cada gesto de delicadeza e ternura feitos na presença do Deus Menino, que veio ao mundo para dar sentido à nossa vida.

Terminado o turno, a felicidade da brisa fria no rosto, o sorriso de quem sabe que um Menino nasceu para nós neste e em muitos outros hospitais, nos lares, nas ruas da pobreza, na casa e no coração de cada um de nós. Um Deus que se fez Homem para nos ensinar a ser verdadeiros homens e mulheres à Sua imagem.

*Sílvia Monteiro, Cardiologista,
Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra*

Maltês*

Quem já não é jovem, sabe que só há duas direcções principais à saída da nossa porta da vida, bem como de todas as portas que dão sobre os caminhos do mundo: - A dos vencedores e a dos vencidos.

Esta é a história do que aconteceu há muito tempo a um vencido que andava pelos caminhos do mundo, quando ainda gemiam as velas dos derradeiros moinhos de vento sobre os montes em redor da cidade, a trabalharem de noite, às escondidas, a ver se escapavam à absorção da grande moagem mecânica dos vencedores, que na urbe iam empunhando com frieza calculista a bandeira

do “progresso”, às vezes pisando e empurrando tudo à sua volta...

Fazendo dos suspiros de cansaço largas passadas na negra e fria noite, o maltês de rosto jovem e agoniado, media a distância, e espelhava-lhe nos olhos a grande solidão transtagana, tão longa como o caminho sob as suas botas esfoladas ...

Na prolongada planície solitária, sem uma cabana abandonada onde se acoite ou muro de herdade onde encoste os ossos a proteger-se do vento uivante, de forma a puxar lume ao cigarro de onça, o jovem maltês, que já falava sozinho como os velhos, ia discernindo que, desde que co-

**Maltês* - Termo que designava um trabalhador rural *sui generis* no Alentejo. Espécie de assalariado nómada, trabalhando onde queria e se a jorna lhe agradava. Não estava muito tempo num lugar e, normalmente, não fazia sociedade com outros rurais. Vivendo só, sem moradia conhecida, não era de seu natural dócil face às tiranias locais.



meçara a ajuizar e a saber que existia como gente, nunca conhecera ninguém que lhe fosse próximo, parente ou qualquer relacionamento de pessoa, com a sua obrigação de acolhimento. Até as ervas rasteiras, recamadas de orvalho, têm a terra onde se agarram... Só ele vivia, mordendo e cuspidando o pó da estrada, esquecido de gente, desenraizado de tudo e todos. Nem casa, nem nada, apenas habitava ao “Deus queira”, aquela manta surrada que trazia ao ombro... Só!

O maltês parou perto de um monte de estevas, a recapitular o fôlego. Já não tombava chuva, a estrada era um rio de lama escura, nenhuma indicação lhe apontava povoado, lugar, monte. Com as mãos no rosto por instantes, como se fosse chorar, limpou a água que lhe escorria do chapéu. Olhou de novo a lonjura calamitosa, a incomodidade nocturna e, sem dar ouvidos à voz íntima que lhe dizia para voltar atrás, o jovem maltês continuou a jornada... Viera de muito longe, todo o “santo” dia caminhara por atalhos e veredas, evitando os cães dos montes dos grandes lavradores, amestrados a ladrar e morder em maltrapilhos, sem ter de manejar o seu bordão de faia, como último recurso. Só tinha parado num sítio pendurado nas traseiras de um cabeçaço, com uma casa desconjuntada a encimá-lo, onde pediu o agasalho da lareira por minutos e a esmola de pedaço de pão. Apareceu-lhe uma velha à porta, depois de o mirar de alto a baixo mansamente e de lhe dizer «Donde vem, vossemecê?», mandou-o entrar e deu-lhe uma tigela de açorda e um punhado de azeitonas... Aqueceu-se um pouco ao lume da chaminé, agradeceu a esmola da velha, despediu-se e partiu de novo, estrada fora, ao desamparo, como maltês que era...

Não costuma cair neve no Alentejo, que essa brancura de montra de loja no Natal, não baptiza campos rasos e desertos, todavia o frio é polar e aflige o maltês cada vez mais... Mas quem lhe vai dar guarida? Quem acredita na sua pacífica “maneira de ser”?

Dizem que no meio da planície, junto a uma encruzilhada aparece sempre o albergue de uma «venda» a salvar do desespero um homem velho e abandonado. Aí, noutros tempos, batiam à porta ao cair da noite os malteses e os salteadores de estrada. «Quem é?», diziam de dentro. E de fora respondia uma voz que nasceu na desgraça e aprendeu a rentabilizar as lágrimas e o tom suplicante: «É um pobre de Cristo que vem estafado...!» ... O dono da «venda» agarrava então no chavão que pesava quilos e abria a porta ao valdevinos. «Que o trás por cá?». «Venho de muito longe, e peço a vossemecê a esmola de uma dormida no palheiro...». Mas quem, pedia acochado pela tempestade, era um maltês, um contrabandista em maré de azar, um fugido das cadeias, um bandoleiro dos caminhos, como o Zé do Telhado? Quem ia saber, não nos dirão?! ...

O dono da «venda» fica entre portas, a seguir com o olhar no escuro as «maneiras» do homem, a caminho do palheiro... É que já uma vez teve à sua mesa um assassino temeroso que por causa de um conto de réis cortou a garganta a um pobre zagal, que vivia entontecido pelas estrelas e bêbado de solidão. O assassino parecia um animal quando a guarda o apanhou: os olhos espantados, os dentes roídos por um micróbio qualquer, a voz atraçoada pelos soluços que vinham do fundo barbarizado da sua alma, e uma surpresa de louco no seu rosto, de quem não sabe mais o que fez ou deixou de fazer!

Por isso, nesta triste noite de Natal, o dono da «venda», o senhor Pinelas, está à espreita, a ver se o maltês, homem ainda novo, que lhe bateu à porta, não tem a fala mansa como o louco assassino de então. «Que o trás por cá?». E o maltês tremendo, esfregando as mãos uma na outra: «O frio, meu senhor... Venho pedir a esmola de uma dormida no palheiro...». Como o outro, Santo Deus... Mas é Natal, pensou o Pinelas, nem todos os cordeiros serão lobos disfarçados...

«Entre lá, homem!». E quando o senhor Pinelas,

à luz do “petromax”, iluminou cabeça do maltês, verificando que era ainda um homem novo, ao mesmo tempo que sentiu uma longínqua familiaridade com o infeliz, apareceu-lhe por detrás a alucinada da Mariana, a mulher, ... «Desde que me conheço, sou maltês, meu senhor. Tenho andado por todo o lado empurrado pelo destino. Conheço cobras e lagartos, ervas boas para chás que curam todo o mal... Faço qualquer trabalho da lavoura... Mas no Inverno não há trabalho... Há só o frio, que enregela a carne e encolhe os

ossos, e que trás a morte aos pobres como eu... Tenha piedade, deixe-me ao menos dormir ali no palheiro...».

A mulher indagando do desconhecido com o olhar, espreitou o tempo, por entre portas, e viu a negra noite e o antigo vento uivante, uh! uh! uh!, mordendo os ramos das oliveiras, arranhando as paredes da casa, e esbofeteando a cara aos que o espreitavam... Do fundo da sua alma, Mariana gritou, com os olhos tostados pelo delírio «É ele! É ele! – O meu rico menino voltou!»... Pinelas,



embaraçado, viu-se obrigado a dizer ao maltês: «Não faça caso... A coitada endoidou, desde que lhe disseram que o filho morreu na guerra do ultramar!» ... Disse tudo isto já com os olhos rasos de lágrimas...

«Vossemecê vem por bem?». E o maltês: «Sim, senhora! Sou apenas um pobre maltês! Mas curo terçãs com ervas do campo. Venho perdido com o nevoeiro e já não tenho forças para caminhar...». E Mariana: «Entra, Manel, vieste passar o Natal com a gente, não é verdade?!» ... E Pinelas para a

mulher: «Mariana, para que é isso, o nosso filho morreu na guerra, em África!». E a mulher: «E eu não sei?! O que interessa é que agora está cá! Entra Manel, entra...». Pinelas abriu mais a porta e o maltês entrou, acompanhado de uma rabanada de vento. Súbito, vinda não se sabe de onde, uma brisa morna espevitou a lareira, e a casa de entrada ficou mais iluminada.

Joaquim Palminha Silva



Natal na República Centro Africana

*Senhor dai-me força para mudar o que pode ser mudado. Resignação para aceitar o que não pode ser mudado.
E sabedoria para distinguir uma da outra. São Francisco de Assis*

Faz um ano, estava a cumprir missão na República Centro Africana como 2º Comandante da Missão Multidimensional da ONU para aquele país. Era também o oficial português mais graduado e, por isso, com uma responsabilidade acrescida para com os nossos compatriotas que ali serviam, no âmbito da ONU e da União Europeia.

Aqueles que me conhecem, sabem bem o quão reservado sou, sendo muito raras as ocasiões em que me expesso sobre as minhas vivências, pessoais e profissionais, as suas alegrias e também as tristezas, antes optando por falar e escrever no plural daqueles que comigo servem.

Deste modo, o repto que me foi lançado pelo senhor Bispo das Forças Armadas e de Segurança, para escrever sobre a minha experiência pessoal de cumprir uma missão em tempo Natalício, constitui para mim um enorme desafio de humildade, ao qual procurarei responder, transmitindo o meu sentir, daqueles que comigo estavam na República Centro Africana e, claro, da família que por Portugal ficou.

Estávamos em plena época Natalícia, em Portugal vivia-se a pandemia COVID 19 com grande intensidade, situação que acompanhávamos com grande atenção e preocupação, com a esperança que não atingisse nenhum dos nossos familiares, o que infelizmente veio a acontecer. Na República Centro Africana a situação estava bastante mais complicada, também com o COVID 19, a que se juntava o desenvolvimento de uma ofensiva generalizada por parte dos Grupos Armados, que ia criando sucessivas crises humanitárias por onde passava, cujo principal objetivo era ocupar

a capital Bangui e, assim, impedir a realização das eleições, depor o Governo e o Presidente da República.

Foi, pois, neste quadro que vivemos a noite de Natal, vigilantes e empenhados, uns guarnecendo os postos no Quartel-General, dormindo numa cama de campanha e ceando uma ração de combate, outros, destacados para os locais mais perigosos e exigentes, onde combateram e detiveram a progressão dos elementos dos grupos Armados, contribuindo assim para que a normalidade possível fosse assegurada, e que o povo martirizado da RCA pudesse gozar a sua consoada.

Distribuídos entre Bangui e Bossembele, alguns de nós, nem todos, conseguiram falar com as suas famílias, deste modo atenuando a dor da sua ausência. Partilhávamos entre nós as alegrias de ouvir a voz da bebé de um camarada, da consoada em família de outro, mas também as tristezas daqueles que assistiam impotentes ao sofrimento da sua família em Portugal, atingida devastadoramente pelo COVID 19. Fomos ainda mais família nessa noite, solidários, amigos e próximos.

Agradecemos nessa altura a mensagem do Senhor Bispo das Forças Armadas e de Segurança, que nos indicou com clareza quais os valores pelos quais nos devíamos orientar, e nos quais poderíamos igualmente encontrar conforto. Desde logo, “o rosto da solidariedade”, o porquê de estarmos neste martirizado país, dar o nosso melhor, oferecer o nosso tempo, fazer as pontes de diálogo e criar as redes de entreajuda, tendo sempre por referência a nossa principal responsabilidade, para proteger as pessoas. O segundo valor que o



Senhor D. Rui Valério nos transmite é o da “alma da confiança”. De facto, não obstante tanta adversidade, e atentados à dignidade humana, que diariamente observávamos, sempre confiámos que seríamos capazes de desenvolver a esperança num futuro melhor. Os militares portugueses faziam a diferença pela sua competência, dedicação, imparcialidade e proximidade. Onde estávamos, víamos o olhar confiante, observávamos o sorriso das pessoas, naturalmente mais espontâneo nas crianças e, assim, foi na noite de Natal, uns a dirigir, outros a executar, mas todos irmanados dos mesmos propósitos. A nenhum passava a ideia de se ausentar, era preciso continuar a inspirar a confiança nos cidadãos e nos muitos contingentes das mais diversas nacionalidades. Nesta noite, talvez mais do que em qualquer outra, era importante estar presente, fazer ouvir a voz do comandante, para todos saberem que estávamos com eles e que em

nós poderíamos continuar a confiar. Foi assim também na noite de Natal, em Bossembele, a nordeste de Bangui, onde só a presença da nossa Força permitiu que aí se celebrasse o Natal. O terceiro valor “respeito pela dignidade humana” ganha especial acuidade neste país, em que quase tudo falta, em que as ameaças aos direitos humanos são perpetradas sobre uma população indefesa, reinando o sentimento de impunidade. Assegurar que todos estavam presentes no terreno, que vigiavam para zelar pelo bem-estar e segurança daqueles que, despojados de quase tudo, apenas pretendiam celebrar o Natal era um grande desafio, também porque muitos dos contingentes professavam outras religiões. Mas, posso dizer com muita segurança, todos estávamos irmanados dos mesmos valores humanistas, nos quais a promoção e a proteção da dignidade humana eram cimento e força motriz. O quarto valor, “coração da paz”. Como

sublinha o Papa Francisco na mensagem para o dia Mundial da Paz de 2021 “a cultura do cuidado é percurso de paz”, nós, fomos chamados a cuidar do bem-estar do povo centro-africano, procurando a paz e, como dizia D. Rui Valério, na sua mensagem de Natal “seguimos o caminho pela estrada do bem-fazer e do fazer-bem” que nos permite o reconhecimento pelo nosso trabalho em proveito da paz. Esta noite, todos, sem exceção, procurávamos continuar a fazer o bem, com atenção seguíamos o evoluir da situação, alegrávamo-nos quando não se confirmavam as intenções hostis ou quando conseguíamos prevenir algum ataque, muitas vezes só por conseguir estar no local e momento certos. Não procurávamos reconhecimento, apenas queríamos que o povo Centro-africano não sofresse ainda mais.

Passada esta atribulada noite de Natal, a que se sucedeu mais um dia de intenso trabalho no Quartel-General da MINUSCA, o sucesso das nossas ações permitiu que a maioria das populações tivesse um dia de Natal calmo, um pouco por todo o país, tive a oportunidade de contactar os militares portugueses que estavam na Missão da União Europeia e o núcleo de apoio logístico, ambos em Bangui, que felizmente celebravam com alegria o Natal. Com o contingente que estava em Bossembele apenas falava por telefone, naturalmente preocupado com a sua segurança, pois a situação continuava muito instável naquela região. O Comandante garantia-me que todos estavam bem, que haviam tido o Natal possível. Celebraram na sua família, que testemunho, era unida e fraterna. Estou certo que, cada um, à sua maneira, foi capaz de encontrar alegria na camaradagem que tanto e tão bem cultivavam.

E nós, que estávamos em Bangui, agora um pouco mais libertos, pudemos finalmente celebrar o nosso Natal. De regresso à casa onde vivia com a minha equipa mais próxima, uma família de cinco militares, que vivemos juntos, ininterruptamente, durante mais de um ano. Com eles partilhava

alegrias, algumas tristezas e também a exigência da missão. Forjamos uma amizade forte, grande cumplicidade e um enorme compromisso com a nossa missão. Com eles fui capaz de me superar em muitas ocasiões, viver com as adversidades, partilhar confidências. Foram a minha família em África.

A nossa celebração Natalícia, foi uma sucessão de surpresas, que revelaram uma cultura de cuidado e preocupação. Desde logo, pela decoração Natalícia da casa, que apareceu, parece que do nada. O presépio estava lá, a árvore de Natal também, complementadas por alguns enfeites africanos, que nos ligavam àquele país, às pessoas e aos costumes locais. Depois, o bacalhau, que estava em cima da mesa, acompanhado de outros produtos portugueses, que nos fez lembrar a mesa familiar, tão tradicionalmente portuguesa. Mas a maior surpresa ainda estava para vir. Um de nós, em total segredo, conseguiu fazer chegar a cada um, presentes da família. No nosso desconhecimento, contactou as nossas famílias, montou uma complicada logística e fez acontecer. Um gesto que nos soube tão bem, por inesperado, e porque nos trazia a família para bem perto. Também aqui tivemos Natal, de cuidado, de dádiva, de alegria.

Os dias que se seguiram continuaram a ser de grande exigência. As eleições realizavam-se no dia 27 de dezembro, e era preciso continuar muito vigilante. Era o tempo de estar no terreno, dia e noite, próximo dos vários contingentes responsáveis pela segurança de Bangui, confirmar a proteção dos vários locais críticos e assegurar que todas as assembleias de voto estavam montadas e a funcionar. Felizmente conseguimos garantir as condições para a realização das eleições, que, não obstante bastantes percalços, viriam a ser reconhecidas internacionalmente. Foi tão gratificante ver um povo a exercer livre e alegremente o seu direito de voto.

Foi só no dia um de janeiro que pudemos assistir à missa, a primeira em língua portuguesa desde

a nossa chegada havia já um ano, pois tínhamos conosco um Capelão Militar, que em boa hora nos foi enviado para celebração e conforto, e foi também neste dia que reencontrámos o contingente português na Missão da União Europeia, para um alegre almoço de convívio.

Faltava ainda visitar os nossos militares que estavam em Bossembele. O meu empenhamento na condução das operações não me tinha permitido sair de Bangui, cidade por cuja segurança era responsável; uma tarefa que acrescia a muitas outras que me haviam sido confiadas do antecedente. Foi, finalmente, possível viajar para aquela localidade no dia 6 de

janeiro. Por motivos de segurança, viajamos de Helicóptero, pois ainda havia combates entre os grupos armados e os as forças governamentais ao longo da estrada que conduzia àquela povoação, o principal eixo rodoviário do país, que liga Bangui aos Camarões. Viajei com a minha equipa

de segurança, “acompanhado” dos mimos possíveis, nos quais se incluía o bolo rei, para entregar à Força. Para quem estava há mais de quinze dias a comer ração de combate, imaginem a alegria dos nossos militares. Também aqui se cumpriu Natal, de solidariedade, de cuidado, de reconhecimento pelo esforço feito para proteger as pessoas e contribuir para a paz.

Passar esta quadra Natalícia longe da família, embora não seja a primeira vez, revestiu-se de alguma singularidade, que adveio de uma situação enquadrante muito diferente e mais exigente do que as anteriores. De facto, foi a primeira vivida num ambiente de elevada conflitualidade, gera-

dora de graves ameaças sobre as populações da República Centro Africana. Foi também aquela em que estava investido da maior responsabilidade de Comando sobre um contingente de cerca de 14.000 soldados da ONU implantados num território com uma área superior à França. Porque tinha o contingente português empenhado numa operação de elevadíssimo risco. Por sentir que com a minha ação de comando poderia ajudar a fazer a paz e trazer a confiança a todo um povo martirizado. Por sentir que não podia defraudar as expectativas que em mim depositavam. Senti, por isso, a nobreza do SERVIR, da dádiva de mim por

uma causa e pela defesa dos mais nobres valores. Senti também o quão importante é a compreensão e o apoio da família, que vivia tempos muito difíceis e exigentes para aceitar a nossa ausência, para cerrar fileiras em torno dos problemas que vão surgindo, procurando libertar-nos para a nobreza da nossa



missão. Mas também gostaria de relevar a importância dos pequenos gestos dos amigos e camaradas, os telefonemas, a partilha das boas notícias, a preocupação e compreensão manifestadas, que, às vezes, nos faziam encontrar forças para continuar a prosseguir no caminho do bem.

Nesta passada quadra Natalícia senti, sobretudo, o quão relevantes e inspiradores podemos ser para os outros quando somos competentes e referência dos valores da solidariedade, da disponibilidade e da entrega.

Valeu a pena!

Major General Eduardo Mendes Ferrão

A Senhora da Lapinha

Disse que sim e sorriu. A serenidade tomou conta dos olhos de Maria e o mundo ficou em paz. Vejo-a, assim, no meu Presépio. Olha para o Menino que adormeceu, na doçura do seu olhar e ensina-me o valor da disponibilidade, do serviço, da vida que se escreve, em cada dia, no silêncio de nós.

Nas palavras que cala, a Senhora da Conceição, diz-me que é preciso saber esperar. Apesar da loucura das compras e da vida, apesar do medo do amanhã, apesar do vento que quer arrancar a esperança, é preciso saber esperar. Contra todo o desespero.

Sigo a direcção do seu sorriso. As asas dos meus olhos pousam na pobreza de um Menino que sorri de dentro do sonho do Seu Natal. Lembro-me, então, de outros natais, em outros tempos, de uma ansiedade doce, do nome Jesus escrito no

peito, da saudade da inocência, do dia de estrear a roupa da festa.

A Senhora da lapinha sorri. Eu também sorrio à criança que fui. Do fundo de mim, o sorriso da Senhora da Lapinha diz-me que sim, que é preciso lutar contra o vazio dos sacos cheios de compras, que é preciso acender a alegria, que é preciso contrariar o cinzento da manhã, que é preciso abrir um sorriso nas janelas das casas. Do fundo de mim, o olhar terno da Senhora da Lapinha aponta-me o Deus pequenino, diante do qual se ajoelha, por causa de Quem, é quem é.

Disse que sim e sorriu. Ensina-me, hoje, o valor do silêncio. Mostra-me que é possível fazer Natal na pobreza das coisas. Diz-me que a felicidade tem outros nomes, que vive dentro das casas, que se escuta na música do sorriso, que se agarra na mão que segura outras mãos, que se pinta na paz

branca que se restaura, todos os dias, dentro de nós.

- Mãe, a Senhora não dorme?

E a mãe diz que não. Ela tem de velar o Menino que tem nos braços. A Senhora da lapinha tem de velar os filhos durante a noite dos seus desencantos, para os impedir de morrer.

A Senhora da Lapinha sorri. Eu também.

Graça Alves





O Caroco da Maçã

Tudo era paz e felicidade naquele jardim primordial. Até entre os animais reinava o melhor convívio. Era um convívio fraterno, sempre abrilhantado com uma sinfonia de tons e sons musicais que se combinavam, bem afinados, numa harmonia perfeita de vozes de inocência.

Todos eles conheciam bem aquele par de gente, homem e mulher, que diariamente visitava, de mãos dadas, todos os cantos do jardim. Fora graças à sua linguagem que eles ouviram pela primeira vez ressoar, em tons celestiais, o próprio nome.

Foi numa manhã de Primavera já adiantada, quando a sinfonia das vozes animais ainda mal se fazia ouvir. O jardim estava mais jardim do que todos os dias. As plantas haviam desabrochado com as pétalas mais viçosas e coloridas e outras ostentavam já frutos maduros. Uma pomba branca, branca de luz, apareceu a voar muito baixinho com uma açucena no bico a bater à porta do habitáculo da bicharada do jardim. Toca, cova, poleiro ou ninho, nada escapou a este inusitado voo rasteiro de alvorada. Era o sinal de chamamento. Todos os animais deveriam comparecer num solene cortejo a desfilar junto à macieira que já se encontrava repleta de maçãs bem atractivas. Aí, o par de gente, homem e mulher, havia de dar o nome a cada animal.

E assim se fez. Um a um, todos os animais passaram em frente daquele par de gente, homem e mulher. Grandes, pequenos e mais pequenos ainda, todos iam passando em inigualável cortejo. Olhavam, fascinados, a macieira reluzente, inclinavam depois a cabeça com veneração, ouviam o nome pronunciado com voz solene, contemplavam de novo as maçãs e regressavam cada um a sua casa sem qualquer discussão sobre o nome

que lhe havia sido dado. E, se algum mostrava uma cara de menor contentamento, logo a pomba branca, numa revoada de luz, lhe vinha lembrar a alegria do amor e da paz reinante no jardim.

E o par de gente, homem e mulher, radiante com o trabalho, viu que tudo era muito bom. Por momentos contemplou com satisfação a árvore que lhe servira de abrigo para tão solene acto. Depois, aquele par de gente, homem e mulher, sentou-se à sua sombra e adormeceu profundamente embalado pela brisa perfumada daquele jardim paradisíaco.

Vinda suave e mansamente do abismo profundo da terra, uma serpente foi-se elevando, enroscada ao tronco daquela árvore onde os frutos brilhavam como sóis e lançou um silvo, candidamente musical, aos ouvidos da mulher. Ainda mal tinha acordado já a serpente lhe entregava a maçã mais atraente que pendia da árvore, enquanto lhe cantava a promessa da sabedoria e do poder que os assemelharia a Deus. Enfeitiçada, acorda o homem que ainda dormia um sono de paz. Meio estremunhado pela sonolência, aceita a maçã que a mulher lhe estende com a mão direita no mesmo instante em que, com a esquerda, recebe outro fruto que a serpente lhe oferece com visível graça e contentamento.

A pomba branca, branca de luz, bateu asas mal a serpente silvou e, com a açucena no bico, rodopiou em círculos por sobre a cabeça daquele par de gente, homem e mulher, e, como recurso de urgência trágica, deixou cair algumas penas. De olhos bem abertos e vivos, a serpente espiava. Uma pena branca da pomba branca de luz ainda foi tocar a maçã que o homem se preparava para levar à boca com a mão direita. Mas ele olhou



para a mulher com sedução e sacudi aquela pena impertinente. Ele, o homem, ainda se chegou a engasgar com o primeiro pedaço. Preso na garganta, parecia dar-lhe um derradeiro alerta. Mas, depois, de dentada em dentada, cada um comeu a maçã atirando os caroços para o chão.

Foi então que a serpente, lançando um silvo medonho feito de gargalhada infernal, desapareceu por entre a folhagem. E logo aquele par de gente, homem e mulher, fugiu cheio de medo a esconder-se sob os ramos de uma figueira, deixando atrás de si aquela macieira da sua vergonha que, de imediato, começou a definhando até de todo secar.

A pomba branca, branca de luz, alvoroçada e de tanto bater as asas, não conseguiu segurar mais a açucena no bico. Empurrada pelo vento, foi a esta flor murchando lentamente até ficar presa num ramo da figueira onde veio morrer à vista daquele par de gente, homem e mulher. Também eles estavam definhando enquanto iam tecendo um vestido de folhas para cobrirem a nudez.

Saída de uma nuvem, que lentamente foi cobrindo o jardim, ouviu-se uma voz que silenciou todo o espaço:

- Porei inimizades entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a descendência dela.

Num instante, logo a pomba branca, branca de luz, baixa à terra e recolhe os caroços cheios de sementes, que de imediato começa a espalhar pelos cantos da terra.

Uma sementinha veio cair no centro do povoado. Uma estrela acompanhou a pomba até ali. Estrela vinda do Oriente, lá das bandas do mundo onde primeiro se faz luz.

Era ali que havia um jardim. Foi há muito e



ninguém sabe quando. Mas sabe-se que foi uma pomba branca, branca de luz, que ali a semeou. Ela germinou e uma macieira nasceu. É a macieira da Esperança. Ela ali se encontra, velhinha, mas sempre renovada a lembrar aos que por ali passam o mandato daquela voz prodigiosa do jardim primordial.

É por isso que as gentes do povoado vêm na macieira do seu jardim o tecto da cabana onde se instala uma Família, um Homem e uma Mulher, com um Menino acabado de nascer, mas sempre de mãos estendidas, a apontar para o céu azul. É aí que os Anjos cantam e dançam a alegria do Seu nascimento, enquanto os pastores descem da fria e branca Estrela e sobem ao povoado para adorarem o Menino.

Como há dois mil anos.

Guarda, 8 de Dezembro de 2021 - Festividade da Imaculada Conceição

António Salvado Morgado

O Natal do capitão...

Chamavam-lhe “o capitão”.

Em miúdo fora aos Remédios, a Lamego, viu os tropas a marchar numa rua da cidade sob o comando de um chefe que marcava o ritmo com uma voz irresistível de trovão e, regressado à aldeia, fazia de vez em quando umas marchas individuais por calçadas e caminhos, dando ordens a si próprio:

- Um, dois, um, dois...esquerdo, direito...um, dois!

Casara e tivera filhos.

Mas um dia, a mulher foi ao Douro, às vindimas, e não voltou mais à caserna... O caseiro da quinta pôs os seus olhos nos nela, arranjaram-se os dois... e o homem ficou sem alguém que lhe acendesse a candeia, lhe aquecesse o caldo, lhe remendasse as calças, lhe pregasse os botões e lhe aquecesse os pés.

Para desgraça maior, os dois filhos evaporaram-se para o Brasil e nunca mais disseram nada.

Atolado na solidão e na dor, substituiu a mulher por vinho, os filhos por tabaco e o trabalho pela pedincha.

Corria as aldeias em dias certos, batia com o bordão nas portas, estendia a mão a quem abria, e continuava o giro, comendo côdeas, trincando mágoas e chupando cigarros. Morto o brilho do sol e nascida a negrura da noite, enrolava-se na manta que trazia consigo e dormia num alpendre de carro ou num palheiro de feno...onde lhe era permitido.

Estava-se em dezembro. O Natal estava perto.

Na lixeira de uma aldeia, misturados com agulhas de pinheiro e ramos de azevinho, dormiam numa saquinha de amostras os três personagens da Bíblia por quem nos veio a salvação. Desbota-

dos e feridos, a zeladora da capela substituiu-os por outros, mais novos e mais simpáticos. O capitão abriu a saca, sorriu e resmungou:

- Afinal, não sou só eu, o pecador! A vós, que sois tão bons segundo dizem, aconteceu-vos o mesmo! Tende paciência, amigos! A vida é assim! Tudo nos pode acontecer!

Companheiros de amarguras e maus-tratos, o capitão nunca mais os largou de mão.

Chegado o 24 de dezembro, acomodado o sol no seu descanso e espreitando a lua por entre os chavascais, o velho resguardou-se no alpendre da capela do Senhor dos Desamparados, pousou no chão o saco das esmolos, procurou palha numa meda de quintal, acendeu uma aprazível fogueira, sentou-se num rodelo de carvalho, e trincou mais um naco de broa e um pedaço de toucinho.

Ouvindo, entretanto, as horas da matriz, e lembrando-se que era a noite de Natal, tirou as imagens da saqueta, deitou o Menino na sua boina espanhola e pôs os pais, de joelhos, um de cada lado.

Ajoelhado também ele (com o joelho direito, que o esquerdo já há muito lhe não fazia a vontade), olhou o pequeno com enlevo de pobre, desgosto de vadio e ternura de criança, e disse, numa voz pastosa e rouca:

- Então, catraio, diz que fazes anos hoje?! Parabéns, pá! Bem merecias uma prenda, mas este pobre vagabundo não tem nada p'ra te dar. Só um beijo!

E beijou-O, erguendo-O da boina e envolvendo-O entre as mãos.

À volta da pequena e rude ermida, a neve caía no solo lenta e fria, e o vento assobiava intermitente e incómodo nos beirais enregelados do telhado.

O velho, sem nada nem ninguém, embrulhou-se na capa velha e rota que o pai trouxera de França quando andou na Grande Guerra, e adormeceu.

Por gratidão e favor do Recém-nascido, certamente, foi-lhe dado ter um sonho que o embeveceu por toda a noite: lá no Alto, acima do firmamento, muito acima das estrelas, junto a um trono dourado ornado de brancas açucenas e iluminado de coloridas lamparinas que tremeluziam alegres, havia louvor e festa, alegria e paz, cantares de anjos e adoração de beatos e de santos. Cá em baixo, numa terra de beleza e de sonho, as pessoas amavam-se, beijavam-se e abraçavam-se todas, e as crianças, felizes, recebiam prendas e jogavam ao par e ao pernã! Numa casa parecida com

aquela onde lhe nasceram os filhos, a sua antiga mulher preparava as rabanadas e cozia o arroz-doce, cantarolando loas natalícias, umas atrás das outras, e os seus netinhos, regressados do Brasil, subiam-lhe para os joelhos, davam-lhe muitos beijos e puxavam-lhe as barbas brancas.

Assombrado com tanta beleza e tamanha felicidade, o velho capitão irrompeu então num cântico assombroso e belo, que só o uivar dos lobos conseguiu finalmente exterminar:

- Glória a Deus nas Alturas! E Paz aos Homens na Terra!

J. Correia Duarte



A vela

A vela foi uma surpresa para Camila. Contou-me que lhe fora oferecida por uma amiga açoriana e que era obra dessa mesma amiga, pois costumava decorar velas para batizados e crismas, e até círios pascais.

Camila, colocou-a junto ao presépio.

- É o local certo para uma peça tão bonita. Se

os Anjos desceram do Céu para dar glória a Deus que acabara de vir ao mundo, também os homens assim devem fazer e, com eles, os animais e toda a criação, mas através dos homens. A eles compete dar ao que é inanimado a oportunidade glorificar o Senhor. É esse o objetivo da arte humana, seja ela manifestada em forma de música, pintura, ou-



rivesaria, escultura, poesia... ou numa vela açoriana que, neste caso, representa para mim a “arte” humana da amizade.

Com esta explicação e comentário de Camila, dediquei mais atenção à decoração da vela. De um lado estava representada uma árvore com frutos brilhantes; do outro lado havia uma Cruz rodeada por quatro borboletas de asas transparentes, feitas com escamas de peixe, um dos materiais típicos do artesanato dos ilhéus. Sim, também os peixes dão glória ao Deus menino, através da arte da amiga de Camila.

Continuei a ouvir Camila falar sobre a vela e as amizades que ela guardava escondidas: as da sua amiga por ela e, sobretudo, por Jesus. Confesso que me impressionou a sua conversa. Relacionava-a com o que acontecera em Belém, há mais de vinte séculos. Nessa altura, tal como agora em tantos ambientes, ignorava-se que o Redentor do mundo já tinha chegado para salvar todos os homens. Os primeiros a chegar ao Presépio foram

uns pastores, gente humilde que foi capaz de sair do conforto do seu descanso para levar os bens necessários à sobrevivência de um recém-nascido e seus pais.

Na vinda para casa, ainda impressionada com este diálogo, entrei numa igreja, como se fosse um desses pastores que se sentiu chamado pelos anjos – no meu caso, foi por esta amiga. Porém, eu não levava presentes comigo; ia de mãos vazias e voltava cheia... de paz e alegria. Parei pelo caminho, antes de voltar a casa, para comprar uma vela para o nosso Presépio. Sentia essa urgência “imperiosa” de acender uma luz que me recordasse a Luz que acabara de me abrir os olhos: tinha de “mudar” de vida e pensar mais neste mistério. Qual pode ser o meu contributo para tornar este mundo melhor? Poderei, também eu, fazer uma vela para a oferecer a uma amiga?

Isabel Vasco Costa

Uma tradição do Natal obidense



Quase extinta, sobrevive no concelho de Óbidos uma notável tradição de Natal.

Trata-se de uma singela homenagem ao Menino Jesus.

Colocam-se no presépio uns pequenos vasos, tigelas, telhas ou cacos com uma porção de terra e trigo recém-nascido; e uns cachos de uva-passa,

jacentes, ou pendentos de cordéis, fitas ou linhas. Àquele trigo chama-se *searinhas do Menino Jesus*. Às uvas passas, *cachinhos do Menino Jesus*. Simbolizam o pão e o vinho eucarísticos. Elementos fundamentais nas festas natalícias de ricos e pobres dos séculos passados, em algumas casas destes últimos substituíam mesmo os presépios, que não



podiam comprar.

Deve o trigo ser semeado pelos pequeninos – cada um tem a sua *searinha* – e, findo o Natal, por eles plantado em terra firme. No próximo Natal, dali colherão as espigas para novas *searinhas*. As uvas – um cacho por criança –, devem sair da última vindima e secar ao sol. Depois de terem

estado no presépio, são saboreadas à mesa, no dia de Reis.

Se as *searinhas* também são feitas por outras regiões, como o Algarve – onde se lhes junta laranjas –, em Óbidos, a junção dos *cachinhos* é, possivelmente, única no país.

José Félix Duque

Que as rabanadas lhe façam bom proveito!...

Estamos em tempo de muitos pios parenéticos, e bem, eu tenho colaborado. Uns a puxar à fé, à razão, à convicção, à solidariedade, à partilha, à ação. Outros a esticar mais para o lado do silêncio contemplativo, o que não quer dizer que seja convite para se ficar a olhar para o céu, vivendo de braços cruzados. Todos realçam este acontecimento único da História que reclama gratidão e acolhimento responsável, bem como gera clima de ternura pessoal, familiar e social. Por isso, no meio de tantas e tantas exortações, também da sociedade civil, a frase em título pode parecer atrevida, insinuar falta de respeito ou até mau gosto, sobretudo vindo de quem vem. Não é, é um mimo estratégico para ver se consigo provocar o amigo leitor a ler este espirro semanal em jeito de interpelação natalícia. Faço-o para fugir ao que, por estes dias, muita gente diz, rediz, volta a dizer e diz de novo. Hoje, porém, esgueiro-me desses dizeres habituais e venho desejar a todos que as rabanadas, e supostos anexos, claro, estimulem o apetite de cada um e todos façam muito bom proveito!

Ivan Pavlov, quando o chocalho alentejano ainda não era património mundial e nem ele conhecia tais arjozes, com o toque duma simples sineta fazia crescer água na boca aos cachorros, sem que houvesse comida por perto. As luzes, canções, montras, publicidades, doçarias, pitéus, correrias chaplinianas por aqui e acolá em compras de coisas e loisas, tudo faz dizer e ouvir as expressões “Boas Festas” “Feliz Natal”, “Feliz Natal”, “Boas Festas”. Parecem reflexos condicionados! Quero crer que, em muitos casos, o conhecimento da causa dos festejos sente lonjuras de distância. Muita coisa real e imaginária invadiu o ambiente de Natal, envolve excessivamente as pessoas, descen-

traliza, inverte as prioridades. Há muita coisa boa, com certeza, mas dispensável. Há que ter a coragem de resistir às pressões sociais e comerciais. Às pressões da publicidade, à beleza da embalagem, à atraente apresentação, à tentação de comprar só por comprar. Há que ter a coragem de dar o grito de Ipiranga ao jeito de Tarzan, e, lá, ao entrar no shopping, no hipermercado ou seja no que for, ser capaz de dizer como não sei quem: “Ena, pá, que tanta coisa boa de que eu não preciso!”

As festas têm sempre um motivo e são necessárias. Fazem parte da natureza humana. É bom que se façam e que tenham tudo quanto é necessário para que aconteçam, festa é festa. No entanto, é preciso viver as festas da vida de forma a fazer da vida uma festa. Sobretudo as que são referenciais ou até estruturantes na vida das pessoas, das famílias e da própria sociedade. Adulterá-las ou perder-lhes o verdadeiro sentido faz com que muitos não gozem as festas da vida mas sejam gozados por elas. O grave sintoma a esclarecer este diagnóstico é, no fim da festa, depois de nada de útil ter resultado, sentir alguém expressar um profundo desabafo de felicidade por elas já terem acabado, tal foi o trabalho, o stress e os aborrecimentos que lhe causaram!

Centralizar as festas natalícias é ir ao essencial, é ter Cristo no centro, não o consumismo, a indiferença, a folia pela folia, a correria, o stress. Se verificarem, todos os sinais festivos do Natal apontam para isso e nesse sentido se devem explorar. A árvore de Natal é um dos símbolos mais populares das celebrações natalícias. Normalmente, é um pinheirinho, presentemente mais artificial que natural. O pinheiro é uma árvore que sempre se mantém verde, mesmo no inverno.



Foto: C. M. Castelo Branco

Desde longe que, no inverno, alguns povos usavam como decoração as árvores, simbolizando que, ao final dessa estação, o sol iria reaparecer e as plantas voltariam a renascer. Elas simbolizam a vida, e a verdadeira vida é Cristo que nasce para que tenhamos a vida, a verdadeira Vida. Costuma enfeitar-se o pinheirinho com outros símbolos. As bolinhas, de várias tipos, cores e materiais, representam os frutos das árvores, símbolos da abundância. Os sinos associam-se à alegria do anúncio festivo do nascimento de Jesus. A Estrela conduz-nos a Cristo, como aconteceu com os Reis Magos. A verdadeira estrela que orienta a própria humanidade na cultura do encontro com Deus e com os outros é Cristo. As velas simbolizam a fé, a luz de Cristo que a todos ilumina pelos caminhos da vida. O Presépio, “sinal admirável” que se olha “com assombro e deslumbramento”, “é um convite a «sentir», a «tocar» a pobreza que escolheu, para si mesmo, o Filho de Deus na sua encarnação, tornando-se assim, implicitamente, um apelo para o seguirmos pelo caminho da humildade, da pobreza, do despojamento, que parte da manjedoura de Belém e leva até à Cruz, e um apelo ainda a encontrá-lo e servi-lo, com misericórdia, nos irmãos e irmãs mais necessitados”. Ele fala à nossa vida, representa as circunstâncias e o cenário do nascimento de Jesus. A ceia de Natal é o símbolo da confraternização e da união das famílias, em Cristo, com a troca de presentes a recordar as ofer-

tas dos Reis Magos ao Menino Jesus. O Pai-Natal traz ao pensamento a tradição do bispo São Nicolau cuja bondade o levava a procurar os pobres para lhes fazer doações que lhes fazia chegar pelas chaminés das casas. Tudo converge para realçar a pessoa e a mensagem de Jesus, a verdadeira luz do mundo. O Papa Francisco apela a que, “por favor”, “não vivamos um Natal falso”, um “Natal comercial”, mas que nos deixemos “envolver pela proximidade de Deus”, uma proximidade compassiva, terna, “envolvida pela atmosfera natalícia que a arte, a música, os cantos e as tradições fazem chegar ao coração”.

A todos formulo votos sinceros de Feliz Natal. Que na noite ou dia de Natal, em ambiente de ternura e intimidade familiar, se possa parar e olhar para o Presépio, escutando o Deus Menino que se revela “não como quem está no alto para dominar, mas como Aquele que se inclina, pequeno e pobre, companheiro de caminho, para servir”.

Que as rabanadas a todos lhes façam bom proveito! Fica-nos a mágoa de saber que há dois milhões de portugueses em risco de pobreza e muitas patologias sociais e familiares a fazerem sofrer uns e outros. Ai se todos entendêssemos o que significa o Natal que celebramos! Como tudo seria diferente! Mantenhamos a Esperança!

*Antonino Dias
Portalegre-Castelo Branco*

Foi o primeiro Natal

Seguiam devagarinho,
Rumavam para Belém.
É tormentoso o caminho
Para quem está pra ser mãe.

Lá chegaram ao destino,
Depois de muita légua andada.
Ia nascer o Menino,
Maria estava cansada.

Não os acolheu ninguém,
Depois da longa viagem.
A Virgem ia ser mãe,
Ficava impura a estalagem.

Ao fim de muita procura
Conseguiram encontrar,
Uma cabaninha escura
Pra poderem descansar.

Pouco tinham para comer,
Mas pra a alma alimentar,
Já tinham o pão da vida
Que estava para chegar.

Pra lapinha arranjar bem,
José estava distraído,
Quando olhou pra a virgem mãe
Jesus já tinha nascido.

Maria muito cansada,
Olhou pra Jesus e sorriu,
Deu-lhe a primeira mamada,
Fechou os olhos e dormiu.

E já o galo cantava

Quando a Senhora acordou,
José calmo, os contemplava,
Nem o Menino chorou.

Paz e felicidade abundaram,
Louvores a Deus também,
Aí os anjos cantaram,
Aí a Virgem foi mãe.

Tudo isto se passou,
Na cabaninha curral,
A lua no céu brilhou,
Foi o primeiro Natal!

*Maria Cândida Soares Vieira Antunes – Porto
leitora de Voz Portucalense*



As tradições de Natal

As tradições de Natal no território da Diocese de Santarém mantêm-se coincidentes com o restante território nacional. Do fogo à Missa do Galo, do encontro das famílias à gastronomia, a vivência cristã parece encontrar aqui o mesmo fio condutor de outros pontos do país.

As igrejas recebem a tradicional representação do presépio cuja dimensão pode variar dependendo da escala do templo. Apesar disso, na maioria das paróquias, os sinais exteriores são também evidentes, através da construção de presépios de grandes dimensões nos adros das igrejas paroquiais e, em muitos casos, juntos às capelas dos lugares.

O Presépio torna-se, muitas vezes, lugar onde todas as famílias se fazem representar. Na Igreja de Nossa Senhora da Piedade de Santarém, por exemplo, o presépio constrói-se, já há alguns anos, com a ajuda de flores e verduras que cada família oferece (e identifica) para ajudar

a decorar uma grande estrutura, onde se distribuem as tradicionais figuras em barro do século XIX. Da tradição dos presépios barrocos, importa também destacar aquele que existe na Igreja de Misericórdia de Torres Novas. Ao nível artístico, este conjunto escultórico é, provavelmente, o mais relevante presépio no território da Diocese.

Na mesma linha, mas já fora das igrejas, podemos referir uma iniciativa particular desenvolvida há mais de vinte anos por Eurico Ribeiro: “o maior presépio do Ribatejo”. Projeto que inicialmente se construía na casa do autor, na Póvoa de Santarém, é apresentado, desde 2017, no Centro Histórico da cidade. Mais de 400 imagens em barro representam o quotidiano da região, as artes e ofícios tradicionais, assim como recriam diversos locais e monumentos emblemáticos do concelho.

Numa vertente mais turística, as Salinas de Rio Maior transformam-se, nesta quadra, na curiosa aldeia de “Presépios de Sal”! Uma forma original





de aplicação do produto local para enquadrar os visitantes no espírito da época.

O presépio é ainda a figura central das atividades de serviço educativo propostas pelo Museu Diocesano de Santarém às várias escolas da região. Nas primeiras edições desta iniciativa, marcou presença um artesão escalabitano, o que, para além da transmissão das artes e ofícios proporcionou o tão salutar encontro de gerações.

Em 2021, por sugestão da Capelania do Hospital Distrital de Santarém, foi lançado o desafio a todos os serviços hospitalares para apresentarem, em concurso, um presépio original. A peça vencedora terá a oportunidade de integrar, temporariamente, a exposição do Museu Diocesano de Santarém, e aí enquadrar-se no conjunto expositivo dedicado ao Mistério da Encarnação, onde se destacam peças como a escultura do “Menino Jesus abraçando a cruz”, de Almoster.

Para ajudar a viver o espírito do Natal, o Bispo de Santarém, D. José Traquina, desde 2017, apresenta uma mensagem particularmente dirigida aos mais novos. Em jeito de conto, procura dar nova voz aos vários personagens que integram a representação do nascimento do Menino e a Adoração dos Pastores e Magos. Através das histórias assim contadas, novas referências e comportamentos são transmitidos às crianças, neste tempo em que o frenesim da sociedade ofusca a verdadeira essência de Deus que se faz Menino.

A música torna-se também elemento de excelência neste tempo. Nas sedes de concelho, as igrejas acolhem os tradicionais concertos de Natal, promovidos pelos diversos Coros, Bandas e Escolas de Música da região, oferecendo a toda a população momentos de beleza natalícia.

Eva Raquel Neves

Um Conto de Natal

As tradições passam de uns para os outros e são elas que alimentam o Natal e os seus sonhos. É este renascer que nos dá o sentido da caminhada em família. E nesta terra de mar, onde chegaram as famílias de Estremoz, de Lamego e dos Açores, deu-se uma fusão de tradições que se perpetuam até hoje. No dia oito de Dezembro em que celebramos o dia da Mãe, começa-se a pensar nos preparativos para o nascimento do Menino. O presépio dos bonecos de barro de Estremoz assume o seu pedestal no cimo da lareira, elemento central da reunião da família na noite de Natal.

Faz-me sempre lembrar a soma das alegrias antecipadas num dia de viagem, aninhados em cobertores no banco traseiro de um carro pequeno, mas enorme a transportar tanta magia. Os encontros, a noite, as histórias, a mesa, os doces,

e depois os doces sonhos.... Maravilhávamo-nos em frente ao madeiro gigante, o maior que o avô Tomé encontrasse durante todo o ano, igual a um grande tesouro, quanto era possível aquecer o Menino. De seguida, corríamos à casa do forno, perfumada com o cheiro a filhoses da avó Felicidade e adornada de melões e uvas passas dependuradas, de ramalhetes de tangerinas, de cestos de pão quente, de panelas de ferro ao lume. Logo íamos apanhar o musgo para fazer um presépio tão simples quanto era o Menino Jesus, S. José e Nossa Senhora. Os pastores e as ovelhas andavam na pastagem uns metros à frente da casa, as lavadeiras estavam no tanque comum da aldeia, os patos nas poças geladas do campo, os reis éramos os que íamos chegando de longe, oferecendo e recebendo afectos e os anjinhos chegavam de todo o lado,





batendo às portas e espreitando às janelas.

Era no meio dessas memórias e histórias que ia com os meus meninos buscar musgo ao campo para fazer o nosso presépio de figuras toscas de barro, recriando os reais ambientes bucólicos. Sonhavam com o Menino Jesus que iria nascer, mas passou também a existir a árvore de Natal, enfeitada com a estrela e luzes, simbolizando Cristo, como a luz do Mundo.

Começam os preparativos para a grande Noite, a grande reunião de família, que antes sempre em casa dos avós, agora rotativo em casa de cada um dos irmãos. A mesa de Natal acrescentada, bem decorada e de cores vivas, transparecendo a alegria que vai na alma de cada um. Começam todos a chegar em corrupção, com os cheiros da cozinha a fazer adivinhar o aconchego do estômago. Depois de entradas várias, chega o célebre bacalhau cozido com grão, batata e couve troncha, como em Lamego, tudo regado de bom azeite e bom vinho. À espera, fica o peru assado para o dia de Natal. Entretanto, seguem-se as tangerinas, diospiros, melão e uvas, entrecortando os sabores, as conversas e risadas intermináveis. Já mais tarde se passa ao arroz doce, às filhoses, azevias e sonhos, terminando com o licor de maracujá dos



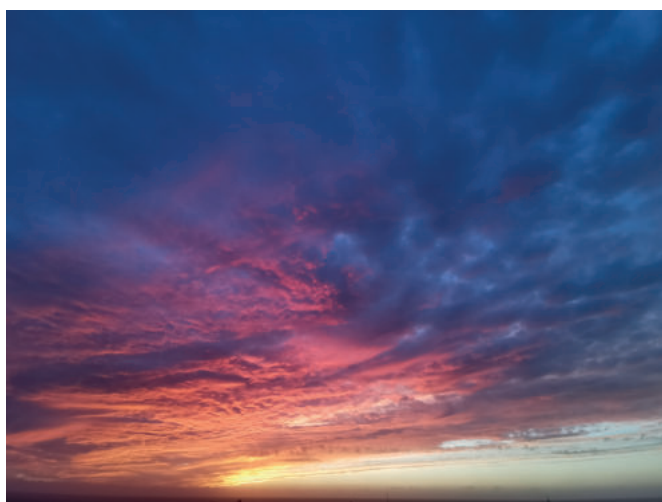
Açores e o bolo de chocolate em forma de Natal. Seguidamente faz-se um pequeno teatro ensaiado ou improvisado, dizem-se uns poemas, cantam-se músicas de Natal ou simplesmente recriam-se e revivem-se as histórias já vividas. Chega a esperada hora da entrega de presentes aos mais novos e a troca entre adultos. Mas nós, os quatro, mantemos a secreta magia de saber que os nossos presentes irão para os sapatinhos, pé ante pé deixados à chaminé, já que a lareira fica toda a noite a aquecer o Menino.

Com muitos abraços de alguns que se despedem, vamos para a Missa do Galo assistir ao momento alto que está para acontecer, o Nascimento de Cristo. Os sinos já chamam e a entrada na igreja iluminada, com os acordes de Noite Feliz, tudo converge para o presépio talhado por mãos de amor. Saímos da igreja com o nascimento dentro de nós e a brisa que vem do mar refresca as almas.

Ouve-se o apito do navio muito perto e as gaviotas alegres anunciam o dia de Natal. Trazemos connosco os cânticos ao Menino Jesus, que nos pretendem aquecer agora e ressoar o Natal pelo ano fora.

Isabel Melo

Demolhar



Não estou certo que essa escuridão passará. Já não há folhas que sobreviviam, coladas ao chão, rasgadas. Só as cãs secas dos pinheiros. Consumi-las-ão o fogo.

Consegues ver a casa grávida com os regressos?

É o sétimo dia.

O que nascerá de ti? O que faremos às mãos e aos joelhos?

As águas são, afinal, tão perturbadas.

Para Alba abrasivo seria um tempo sem bocanhos, sem existências remenecentemente tristes, naquele desvio de olhar para as janelas embaciadas,

não levantes a mesa

o curso do rio: uma contemplação de fronteira.



Furtei-me ao calor. Fui caminhar ao entardecer. Passeio com um desenho de infância pela mão. Passo por uma casa desabitada, de onde partira o filho com a sua irmã, depois da morte da mãe. Um tempo raro. O cadeado já não existe, e entram animais, tal como as silvas. O pequeno tanque encostado à tela de ferro, demora a formação de musgo. O campo, onde cairá um avião de brincar, precipitado na manhã de natal, é um bosque interior. Ao fundo da estrada há um acampamento rente à terra. Talvez uma fotografia baste para salvar o dia; uma visão noturna ou um sonho para demolhar a vida,

Como é que o fazes?

a garganta seca, o estômago vazio, a luta e o fragor de uma planície ampla dentro de um poço.



Reconheço que algo está adormecido,
ensanguenta as mãos de sal
e atiro-o para dentro de água. Procuro, apenas,
que seja um lugar transparente. Abro o depósito e
deixo-o, corrente, no mesmo lugar onde se afinam
as facas,

sente-te segura, pára de chorar
entre o aspergir das lágrimas, a troca desse
oceano controlado, o devolver da segurança para
não ser devorado,

não tenhas medo, dorme até ao amanhecer
e cuidas desse berço posto no topo das árvores
e desse animal encharcado como num único gesto
simples.



Acordamos quando te ouvimos. A tarde pôs-se
quente e isso permite-me não ser apenas cronista
de horrores, mesmo que acorde sedenta depois
das insônias. Amanhã estas ruas serão grandes
depósitos, as varandas estendais da noite que se
aproxima, de manchas irresistíveis. Ainda há lugares
vagos na rua,

agora os dias vão começar a crescer
e recolhemo-nos com medo de não acompanhar
o tempo:

ou ter voz e não poder cantar.

Mastigo, assim, a impureza das imagens co-
bertas de prata, dos pratos desenhados e limpos,
das toalhas guardadas, invertendo o percurso da
semente em pão, sacudindo do pescoço o freio da
destruição, o crivo de desnorreamento,

suspiro pacientemente como se ardesse

descarrego o braço, a indignação, a chama, a
porcelana, a cítara; o orvalho, que a tempestade
transformou em granizo espesso,

hei-de proteger e salvar esse abismo

ninguém me rodeia. Sou indefeso.

Foi uma sala durante muito tempo fechada,
adormece-se melhor deitado num estábulo.

A cidade d'el Rei

Quando acordou, sentiu-se perdida.

Sentou-se na cama e olhou o relógio: 5 horas da manhã. Na cidade espreguiçava-se a manhã do dia 24 de dezembro. Maria vivia numa aldeia gelada a escassos quilómetros de Vila Real, no cimo de um vale donde desciam, ciclónicos, os pinheiros cobertos de neve. Todos dormiam, enquanto ela abriu as janelas e, narinas adentro, sorveu a mansidão da invernia. Sempre celebrou o Menino Jesus, mas nesses dias andava a vaguear num mundo de emoções confusas: trabalhos, desalentos e a falta de um bebé, o seu bebé.

Depois do duche e ao som do alarme da Avó, apressou-se a preparar-se para o que aí vinha.

9h da manhã: a Mãe e a Avó começavam a confeccionar as iguarias natalícias adoçadas com a ternura do Menino que estava quase quase a nascer. Maria amassou o calondro para as fritas, que no resto do país se chamam polidamente bolinhos de abóbora ou rabanadas. Não, aqui não – o calondro, másculo e churro, funde-se com a brancura da neve de açúcar e canela e vai embriagar-se do azeite a estalar na sertã posicionada entre dois potes de ferro na lareira, ferventes com as achas em lume hirto e desperto!

A seguir ao almoço, sentiu falta do frio e foi ao quintal ver os flocos de neve que recomeçavam, silenciosos, a poisar no manto tão alvo do chão mesmo defronte do pinhal e do vale, abrigados pela Serra do Alvão em direção à cidade do famoso foral d'el rei D. Dinis!

Este choro gélido da Natureza dava-lhe muitas vezes paz, mas não hoje, hoje voltou a nostalgia do não-ter, uma espécie de míngua do indizível. Tinha sido hemorroísa, tornada estéril, e agora a vinda do Menino-Deus comovia-a, desejosa de

O segurar, maternal, num ósculo que não teria o caso...

Voltou a sentir-se perdida.

Regressada ao interior, subiu ao seu quarto e encostou a fronte à vidraça: viu o lenhador que trazia mais lenha para esses dias e soprou um bafo da sua angústia para a janela – assim devia ser o Espírito Santo – vê-se no que toca, no que transforma, qual vento invisível que faz girar o moinho no cimo da serra.

À noite iria à Missa do Galo, na Sé, claro, com a família. E veria a Avenida iluminada com as luzes da Câmara e dos presépios das várias freguesias, tantos e tão diferentes, típicos de cada região! Uns feitos de barro de Bisalhães, outros de linho de Agarez, outros de madeira dos pinhais em redor, outros ainda de serapilheira dos sacos de batatas da Campeã, enfim, tantos e tão belos! Sim, tudo bonito e turístico, mas exterior, tão diferente do que ela imaginava ser essa noite da Natividade... O Advento chegara ao fim, parecia-lhe não sentir o seu Maranathá, por isso desistiu e voltou para a cozinha.

A tarde passou, chegou a noite e a ceia em família. Calma e leda, mansa e aconchegada. A lareira estalava sonzinhos quentes e as brasas estendidas em mil luzeiros pequeninos ajudavam a degustar as fritas, a aletria, as filhoses e tanto mais, tudo acompanhado por um Porto do Douro ali ao pé, mesmo ao fundinho do Rio Corgo.

Mas era como se visse tudo, menos o seu Senhor, Jesus, fosse qual fosse o sicómoro a que subisse. Bem se ajoelhou como pastora junto às palhinhas, mas nada!

23.30h: saíram de casa em direção a esse ido Convento de S. Domingos, matiz da Diocese que

começava agora a celebrar o seu centenário.

A eucaristia. Era agora que se celebrava o nascimento do Menino Jesus, ao som do Coro dos Anjos a entoar «Gloria in Excelsis Deo»! A pandemia tinha-lhe roubado a proximidade da imagem e a osculação e hoje parecia que lhe roubava o próprio Jesus!

Acabou a eucaristia, saiu do templo no meio da multidão encolhida em seus casacos e sobretudos, a quem nem o gelo tiritante retirava a alegria que subia aos céus das bocas mascaradas que jorravam «Feliz Natal»!

Maria saiu pela porta principal da catedral, olhou a árvore ao fundo, iluminada de luzinhas e resignou-se: não sentia nada, nada, a não ser vazio e silêncio interiores.

De repente:

- Maria, mana! Consegui vir a casa!

Era a sua irmã, que vivia longe! Que bom!

Olhou-a ao longe, ao som da sua voz e, epifania antes do tempo, dos braços desta Mãe luziam dois botõezinhos pequeninos e luzidios, castanhos e carinhosos que a inundaram de Amor – eram os olhos da sua sobrinha, nascida no Natal anterior e a quem não via desde então!

A sua menina – a multidão desaparecia, a sua família também, as iguarias de sua casa, os presépios, tudo - só Maria e a pequena, que lhe abriu um sorriso adoçado pelo olhar. E nesse olhar, inocente e infantil, emoldurados pelos caracóis mais perfeitos do mundo, Maria sentiu-se inteira, inundada do seu bebé – do Menino Jesus que a incandescia e lhe dizia uma palavra, uma única e imensa palavra: Amor!

Sim, Vila Real é cidade d’el-rei, mas não um qualquer temporal: é cidade do Rei Eterno!

Marina Rocha



O Natal da tradição beirã

Ainda o Natal vinha longe; mas já toda a gente, novos, velhos e criançada não pensava noutra coisa. É que esta quadra era uma das mais bonitas da roda do ano. E das mais proveitosas. Para uns significava fato novo; para outros a oportunidade de melhor passadio; para a maioria um sem número de momentos de ternura, de encanto, de magia.

Tudo era, então, calma e tranquilidade. Ninguém sabia o que fossem correrias desenfreadas, em horas de ponta, de loja em loja, na ânsia de comprar presentes e mais presentes sem olhar a preço. Ninguém sabia o que fosse a infelicidade de não poder adquirir o *aparelho-última-moda* que os grandes movimentos publicitários haviam de implantar no subconsciente de cada qual.

As ambições não impunham grandes exigências que, nesse tempo, cedo se aprendia a viver as realidades. E estas diziam que todos tinham de se satisfazer e ser felizes com muito pouco, com o pouco das coisas simples e naturais: o madeiro, o serão, as nozes, as castanhas, os figos secos, as

maçãs, o fumeiro, a Missa do Galo, o cantar das Boas Festas.

Cantar as Festas era tradição das mais queridas do povo da nossa região. Para muitos, que bela oportunidade para compor o estômago! Não que os grupos só visitavam quem podia dar alguma coisa e, em tempo de Natal, tudo convidava a maior generosidade. Por isso, os grupos se organizavam e, noite dentro, lá partiam a honrar o Menino e sua Mãe e a cumprimentar, de casa em casa, quem lho merecia; mas sempre na esperança de serem correspondidos. Pouco bondava: um punhado de figos secos nas quenturas de Agosto e de Setembro, umas cheirosas maçãs de bravo de Esmolfe, uma côdea de broa e uma malga de água-pé.

Boas festas, boas festas,
Aqui hoje neste dia;
Que as manda o Rei do Céu,
Filho da Virgem Maria.



E depois do refrão, logo vinham as quadras sabidas e ressabidas, mas que lá em casa todos ouviam em respeitoso silêncio:

Inda agora aqui cheguei,
Pus o pé nesta escada;
Logo meu coração disse:
Aqui, mora gente honrada.

Cantavam a todos os moradores, começando pelo dono da casa, seguindo-se a mulher, os filhos e, por fim, as criadas, se as havia.

Chegados aqui, só faltava a despedida:

Vamos dar a despedida
Por cima do laranjal;
Vivam todos desta casa,
Vivam todos em *jaral*.

Alguns, poucos, negavam-se a cumprir a tradição; mas logo os cantadores voltavam em jeito de súplica:

Levante-se lá, senhora,
Desse banquinho de prata;
Venha-nos dar as *natairas*,
Que está um frio que mata.

Se nem assim, o grupo afastava-se prudentemente e, antes de abalar, deixava a marca do seu descontentamento:

Cantámos e recantámos;
Tornámos a recantar;
Estes barbas de farelo
Não têm nada para nos dar.



Mas a regra era bem outra. Após a última quadra, abria-se a porta, quantas vezes a da adega, onde mãos calejadas manejava habilmente a verruma, faziam saltar do espiche para a malga o tinto apetitoso, cor de cravo, uma delícia. Por isso, a quadra *para ir embora* era sempre bem sentida:

Vivam os senhores da casa
Com toda a sua virtude;
Pedimos ao Deus Menino
Que *le* dê muita saúde.

António Lopes Pires



Secretariado Nacional das Comunicações Sociais
Quinta do Bom Pastor | Estrada da Buraca, 8-12
1549-025 LISBOA | Tel.: + (351) 218 855 472
agencia@ecclesia.pt | www.agencia.ecclesia.pt